

A COSMOVISÃO PUPŶKARY NO CURRÍCULO DE ESCOLAS INDÍGENAS: CAMINHOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Alcioni da Silva Monteiro¹

Romildo Pereira da Cruz²

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas³

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em curso, intitulada "Educação e resistência: diálogos sobre consciência histórica e cultural na cosmovisão de integrantes do povo Pupŷkary", residentes em Lábrea, Sul do estado do Amazonas. O estudo tem por objetivo analisar o perspectivismo consciente histórico e cultural frente as cosmovisões dos integrantes do Povo Pupŷkary, em consonância com as estratégias curriculares adotadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC). A premissa é que a compreensão do mundo desses povos atua não apenas como uma manifestação de sua identidade e cultura, mas também como um mecanismo de resistência e reafirmação cultural, fornecendo a educadores e estudantes a capacidade de analisar criticamente o cenário contemporâneo. Essa análise destaca a importância dos conhecimentos originários na construção de uma proposta pedagógica intercultural e específica para as escolas indígenas. Nesse sentido, a pesquisa sugere a necessidade de se criar um currículo que reflita a riqueza cultural e histórica do Povo Pupŷkary, promovendo não só uma educação mais representativa e reflexiva, mas também impulsionando o debate sobre a necessidade de um currículo diferenciado para a educação escolar indígena.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena, Cosmovisão Pupŷkary, Currículo.

INTRODUÇÃO

O artigo discute a integração da visão de mundo Pupŷkary no currículo escolar das comunidades originárias localizadas no município de Lábrea. Nesse, ressalta-se a importância de um currículo que, além de reconhecer e valorizar as singularidades culturais e específicas do povo Pupŷkary, promova uma educação inclusiva e justa. O enfoque não se limita apenas à elaboração de um currículo escolar específico e intercultural, mas se estende à formação e capacitação dos professores indígenas, os quais

¹ Doutoranda pelo Curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/AM, alcionimonteiro@hotmail.com;

² Professor Doutor em Ensino pela Universidade do Vale da Taquiri – Univates/RS, romildo.cruz@universo.univates.br;

³ Professora orientadora: Doutora DE, Titular, na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Campus do Vale do Rio Madeira - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA – Humaitá/AM, suelyanm@ufam.edu.br

desempenham um papel transitório na contextualização dos conhecimentos acadêmicos e na preservação das tradições.

A pesquisa busca elucidar os desafios e as possibilidades de integrar a cosmovisão Pupŷkary ao currículo formal, considerando o perspectivismo originário frente a preservação da identidade e cultura originária diante dos obstáculos impostos por um sistema educacional predominante de paradigmas ocidentais. Destaca-se ainda, a singularidade dos educadores originários na transmissão de saberes e valores culturais, essenciais para a manutenção e valorização da identidade originária e para a riqueza cultural da sociedade brasileira como um todo.

Nesse viés, o estudo também chama atenção para as dificuldades enfrentadas pelas comunidades originárias na garantia de uma educação de qualidade, reforçando a necessidade de uma inclusão educacional que respeite a diversidade. Acerca do exposto sublinha-se a importância de integrar as particularidades culturais originárias ao sistema de ensino como forma de proteger sua identidade e contribuir para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Com base nos resultados iniciais da pesquisa em andamento no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) ofertado pela Universidade Federal do Amazonas, este trabalho utiliza entrevistas com sete professores locais, aprovadas pelo Comitê de Ética (Parecer nº 6.011.763). O estudo enfoca a perspectiva dos professores indígenas acerca das necessidades curriculares específicas para as escolas indígenas e explora a dicotomia entre visões originárias e não originárias, considerando os diversos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Adotando uma metodologia crítico-dialética, alinhada à filosofia da metaepistemologia de contexto, o estudo visa compreender as complexidades da interação humana e do pensamento, bem como o ciclo de racismo, discriminação e silenciamento, para desenvolver um modelo educacional que atenda às especificidades do povo Pupŷkary.

PERSPECTIVISMO COSMOLÓGICO PUPŷKARY NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Os diálogos apresentados aqui nos guiam para uma melhor compreensão do conceito de cosmologia, explorando a sabedoria ancestral na ótica do perspectivismo dos professores originários. Segundo Paiva (2018), essa abordagem revela a compreensão do

universo em sua diversidade, destacando uma conexão profunda e complexa entre os seres humanos, outros seres vivos e a natureza. Historicamente, essa sabedoria das sociedades originárias foi desvalorizada pela lógica racional do pensamento ocidental, que privilegia uma dinâmica materialista e mercantil, rotulando-a como mera superstição ou primitivismo.

Ao refletir sobre o Brasil contemporâneo à luz das perspectivas e narrativas das populações originárias, torna-se evidente a rica diversidade intrínseca do país, marcada por distintas formas de compreensão e coexistência. Essa realidade nos desafia a estabelecer uma base política comum que reconheça nossa unidade como cidadãos, sem reduzir a complexidade das visões de mundo originárias aos padrões do pensamento e organização ocidentais.

Segundo Luciano (2006), os povos originários têm uma compreensão holística do mundo, posicionando o ser humano dentro de um sistema complexo de relações que inclui tanto elementos naturais quanto sobrenaturais, vendo a vida como um todo contínuo. Essa maneira de ver o mundo vai além e resiste à mentalidade materialista e consumista que domina nossa sociedade.

Em consonância, Castro (1996), destaca como os povos ameríndios percebem o mundo de uma maneira única e inovadora, desafiando a divisão ocidental tradicional entre natureza e cultura. Ele aponta para uma visão que vai do geral ao particular, integrando opostos como o material e o espiritual, ou o humano e o animal.

Nessa abordagem, Pacini (2012) explica que, em contraste com o relativismo, na qual propõe a ideia de um mundo onde todos compartilham a mesma natureza, mas veem as coisas de forma diferente, o perspectivismo originário traz outra ideia. Essa visão propõe que tudo está conectado em um mundo místico, onde várias formas de vida dependem umas das outras. Isso é bem diferente do jeito que geralmente pensamos no Ocidente, mostrando que há mais de uma maneira de ver e entender o mundo.

Dessa forma, a abordagem para entender e valorizar as cosmologias originárias dentro do contexto brasileiro requer uma mudança profunda de perspectiva. Esta mudança implica em reconhecer e apreciar a pluralidade de visões de mundo e formas de vida que existem dentro do território nacional, transcendendo as limitações impostas pela visão de mundo ocidental que predomina nas estruturas de poder e conhecimento. Ao fazê-lo, desafia-se a homogeneidade cultural e promove-se um diálogo intercultural genuíno, que não apenas tolera, mas celebra as diferenças como componentes vitais da identidade nacional.

Nas percepções de Pacini (2012) e Luciano (2006), essa visão, traz uma nova interpretação da relação habitual entre cultura e natureza, vista no Ocidente como uma dicotomia entre sujeito e objeto, onde prevaleceu a ideia de domínio e domesticação da natureza como um meio de progresso civilizatório. Em contraste, o perspectivismo propõe uma dinâmica de interação entre sujeito e sujeito, onde ambas as partes são vistas como entidades espirituais de igual essência e que se encontram em uma relação de mútua troca; elas são, portanto, inseparáveis.

Diante desses pressupostos, Apurinã (2012) ressalta que, integrar as cosmovisões originárias no tecido social e político do Brasil significa reconhecer essas visões como legítimas e fundamentais para a construção de políticas públicas inclusivas, educação, gestão ambiental, e práticas sociais que refletem a diversidade e a complexidade do país. Esta integração não se trata de uma simples adição de conhecimento originário ao conhecimento ocidental, mas de um verdadeiro reconhecimento da autonomia e da importância dos saberes originários em si mesmos.

Dessa forma, ao considerarmos o Brasil a partir das cosmologias e histórias originárias, propõe-se uma redefinição da noção de progresso, desenvolvimento e bem-estar, baseada em uma relação mais harmônica e respeitosa com o meio ambiente e com os outros seres com os quais compartilhamos o mundo. Isso requer a desconstrução de preconceitos, a descolonização dos saberes e a abertura para novas formas de pensar e agir que estejam em consonância com a sustentabilidade e com a justiça social.

Nesse processo, o reconhecimento e a valorização das culturas originárias se tornam um ato político de resistência contra a assimilação e a marginalização, contribuindo para a luta pela terra, pela autonomia e pelos direitos originários. Assim, ao abraçar as cosmologias originárias como parte integrante da identidade nacional, o Brasil pode caminhar em direção a uma sociedade mais justa, equitativa e verdadeiramente plural, onde a coexistência de diferentes formas de pensar e de viver enriquece o projeto de nação, em vez de dividir.

Assim, esse contexto cosmológico e sua potencialização da identidade originária diante do processo das diferentes concepções de educação dos povos originários, a escola se insere na sociedade contemporânea para os povos originários, como um lugar de voz e ressignificação das práticas pedagógicas como fortalecimento para a formação do cidadão originário, a fim de formalizar conceitos e refletir sobre ações que sejam importantes na construção de uma educação emancipadora.

Na visão dos professores originários entrevistados, a relação entre cosmologia e cultura na educação escolar é fundamental.

Nós acreditamos que a identidade do nosso povo vai além do simples fato de nascermos indígenas. Pois, nossa identidade é construída também, por meio das nossas experiências, conhecimentos e abordagens específicas em relação ao mundo em que vivemos. Por isso acreditamos que também, é importante na atualidade, conhecermos, entendermos e acima de tudo, valorizarmos e revitalizarmos nossa cultura e nossa maneira única de vermos e compreendermos o mundo, incluindo a interação com o sagrado e a natureza, que nos dias atuais, está cada vez mais esquecida (Professor 1).

Os professores observam que muitos jovens estão perdendo o conhecimento das histórias de seus ancestrais, pois as histórias transmitidas oralmente estão sendo esquecidas e perdidas com a morte dos mais velhos. Eles reconhecem que, como a educação sempre foi transmitida oralmente de geração em geração, é crucial integrar esses conhecimentos ao currículo das escolas indígenas.

Para nós do povo Pupykary, as escolas são vistas hoje, como ferramentas de luta e de expressão para preservar e promover a cultura indígena. Essa visão se faz necessário como aproveitamento de uma oportunidade para garantir que os jovens conheçam e se conectem com suas raízes, garantindo a continuidade e a valorização da identidade indígena. E é diante dessa percepção, que nós, professores indígenas, direcionamos atualmente a educação escolar indígena do nosso município (Professor 2).

Dessa forma, para Mignolo (2005) a referência cosmológica em consonância com a educação escolar, não implica somente em compreender a epistemologia que emerge da sabedoria originária, a qual se espalha como memória, linguagem e conhecimento, mas, como uma reescrita da própria história originária a qual, tem como direcionamento a memória e conhecimento a partir de uma outra lógica, outra língua, um outro pensamento como descreve o professor originário.

A COSMOLOGIA COMO FERRAMENTA DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA

Ao longo dos séculos, foram estabelecidas divisões dicotômicas entre cultura, identidade e o modo como o homem se relaciona com a natureza. Essas relações influenciaram e ainda influenciam nos dias atuais, o reconhecimento e a valorização das identidades dos povos originários, especialmente em um contexto pós-colonial. Diante dessa perspectiva se concentra aqui, a cosmologia, entendida aqui, como a visão da existência humana e da ordem natural das sociedades, pode servir como uma ferramenta

para reafirmar e valorizar a identidade originária, contrapondo-se ao modelo de conhecimento e relação com o mundo promovido pela visão ocidental.

A cerca disso, o professor Pupÿkary relata:

Para o meu povo, nossa identidade é nossa cultura. Hoje, na escola, tentamos trabalhar isso com nossos alunos. Fazer eles entenderem da importância de também, manter vivas as nossas lembranças que dizem fazem parte da nossa ancestralidade. Todavia, os desafios para trabalhar isso na sala de aula são muitos. Por não termos capacitações que nos ajudem a compreender como trabalhar isso de uma forma mais eficaz. Muitos dos meus colegas professores, não entendem o que significa na prática uma educação diferenciada e por isso não querem trabalhar a nossa cultura por acreditarem que por serem indígenas, já seja o suficiente (Professor 3, 2024).

Observamos a fragilidade da formação dos professores atuantes na educação escolar indígena. Na concepção de Monteiro e Mascarenhas (2006) e Simas (2009) essa é uma realidade que demanda atenção, por se tratar de um processo complexo que envolve a valorização da diversidade cultural e a implementação de práticas pedagógicas que respeitem e promovam a cultura originária.

Para as autoras, é necessário, portanto, desenvolver políticas de formação continuada que capacitem os professores a integrar os saberes originários ao currículo escolar de maneira eficaz e respeitosa. A falta de preparo e sensibilidade para com as especificidades da educação indígena compromete não apenas a qualidade do ensino oferecido a essas comunidades, mas também a perpetuação de sua cultura e identidade.

Conforme Plastino (2005), essa realidade contribui para o distanciamento e à marginalização dos povos originários, cujas cosmologias frequentemente integram a humanidade ao mundo natural de maneiras não hierárquicas e não antropocêntricas. Essas cosmologias originárias oferecem visões de mundo que resistem à lógica da dominação e da exploração, promovendo em vez disso relações de interdependência e respeito mútuo entre os seres humanos e o ambiente.

Sobre esses pressupostos, o professor do povo Pupÿkary reafirma,

Antes do contato com outras culturas, nossa ligação com o sagrado ia além das simples crenças. Era uma maneira de viver e manter uma existência baseada na coletividade e na compreensão de que precisávamos apenas do essencial para viver. Vivíamos de forma específicas, caçando e plantando apenas o necessário para nossa comunidade, sem causar danos à natureza ou acumular recursos desnecessários. Mantínhamos um profundo respeito pela floresta e pela vida, reconhecendo com isso, nossa conexão com a natureza antes e depois da morte. Esse modo de vida refletia nosso respeito pela existência e pela harmonia com o mundo ao nosso redor (Professor 4, 2024).

Dessa forma, reafirma-se a percepção que, ao invés de adotar uma visão de mundo centrada no ser humano e na exploração da natureza, os povos originários

percebem a humanidade como parte de um todo interconectado, onde cada elemento da natureza possui valor e significado próprios. Essa percepção é fundamental para a construção da identidade e da resistência originária em face das pressões da homogeneização cultural, do silenciamento originário e da degradação de como se conectam com a natureza. Reconhecer e valorizar essas cosmologias não só ajuda a preservar a diversidade cultural e biológica, mas também oferece perspectivas alternativas essenciais para enfrentar os desafios ecológicos contemporâneos.

O confronto entre as perspectivas originárias e ocidentais destaca a inadequação da visão de mundo ocidental para os povos originários, cujas relações sociais englobam uma visão holística do mundo que inclui o espiritual, o ambiental e o comunitário. Descola (2015, p.21) argumenta que a principal distinção entre os mundos humano e não humano se dá em termos de “mente, alma, subjetividade, consciência moral e linguagem”. Ele observa que as diferenças entre grupos humanos, historicamente referidas como "Volksgeist" e agora entendidas como "cultura", sublinham a diversidade interna das sociedades. Ao focar na cosmologia originária em debates sobre identidade e resistência, desafia-se a predominância de uma visão eurocêntrica, promovendo um reconhecimento mais profundo das ricas e variadas compreensões culturais originárias.

Portanto, a valorização das cosmologias originárias não só demanda o reconhecimento de formas de conhecimento e modos de relacionamento com o mundo baseados na interconexão, no respeito mútuo e na sustentabilidade, mas também fortalece a luta contra o silenciamento e a marginalização dos povos originários. Assim, possibilita-se a promoção de um modelo de sociedade que é ao mesmo tempo mais inclusivo e mais consciente, sugerindo uma reorientação fundamental de como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

CURRÍCULO ESCOLAR INDÍGENA: DIFERENCIADO PARA QUÊ?

Partindo do pressuposto do fortalecimento da identidade originária, se faz necessário entrelaçar os saberes originários com o currículo verdadeiramente específico a escola indígena. Para isso, deve-se entender que não basta somente envolver os saberes milenares e suas maneiras de subsidiar essa forma de conhecimentos, mas entender também, como o povo Pupykary, se percebe e percebe também, as relações com o mundo e suas particularidades.

Entendendo essa contextualização poderá dar significados reais ao currículo escolar indígena. Essa necessidade se deve a razão de se compreender também, que o currículo pode ter significados diferentes, de acordo com o contexto social vivenciado.

Para Malta (2013), o currículo é constituído em diferentes processos dinâmicos e com organizações próprias, adequadas à realidade local, respeitando a identidade dos sujeitos. Assim, o conceito de currículo escolar dentro das comunidades originárias deve ser entendido e desenvolvido de forma a refletir não apenas o contexto específico dessas práticas educativas, mas também as vivências e realidades desses povos. Essa abordagem coloca o currículo como uma construção coletiva, mas destaca a importância de atender às particularidades de cada comunidade originária.

Nessa perspectiva, o professor Pupýkary realça a necessidade de um currículo que respeite e promova a diversidade cultural e a visão de mundo originário, vendo isso como uma oportunidade para fortalecer e redefinir a cultura originária.

Reconhecer a validade das formas indígenas de entender o mundo - ou, nas palavras dos não indígenas, nossas perspectivas cosmológicas. Hoje acreditamos que isso é, um passo de fortalecimento e ressignificação da nossa cultura. Essa forma de vermos a importância de associar nossos saberes no currículo escolar é, essencial para que se possa construir um sistema educacional que não apenas respeite, mas também celebre a identidade e a cultura indígena. Acreditamos que esse nosso pensamento, se alinha com a busca por um mundo mais justo e diversificado, no qual a educação é direcionada pelo olhar específico do nosso povo e dos outros parentes. Essa abordagem abre caminho para o reconhecimento e respeito pelos nossos direitos, ao mesmo tempo em que valoriza nossas contribuições específicas para a compreensão do mundo. Assim, acreditamos que para a nossa existência frente a nossa resistência no mundo atual, com uma educação escolar direcionada com o nosso olhar diferenciado e específico, celebramos e valorizamos nossa identidade (Professor Pupýkary 5, 2024).

Para as comunidades originárias, essa maneira particular de ver e interagir com o mundo é fundamental para seu modo de vida e aspirações de futuro. Pois, ela, influência não apenas suas práticas diárias, mas também sua relação com o meio ambiente e suas tradições. Ao integrar esses elementos centrais à educação escolar, há uma oportunidade não só de preservar e mediar os conhecimentos e valores tradicionais as suas próximas gerações, mas também de manter viva as memórias da ancestralidade da nação originária, bem como, promover um estilo de vida que esteja em harmonia com o ambiente natural e com as crenças profundas desses povos. Portanto, a concepção de um currículo diferenciado, que verdadeiramente respeite e incorpore a cosmologia originária, é um passo vital para alcançar uma educação significativa e relevante para as comunidades originárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar a cosmovisão dos povos originários, na qual há uma interligação das memórias, com o sagrado e a existência humana, refletimos não apenas uma realidade presente, mas também se destaca o potencial dos povos originários para atuarem como protagonistas em um diálogo com o mundo não originário. Essa conexão de percepções e concepções, seja diante da existência, vida e meio ao que se vive, é fundamental na cosmovisão originária, pois representa uma forma perceptiva única da própria consciência originária. Especificamente entre os povos Pupykary, essa concepção inclui uma compreensão simbólica e uma libertação de uma visão única, marcada pela conexão de resistência para a própria existência.

Portanto, refletirmos sobre a Educação Escolar Indígena atual no município de Lábrea, é reconhecer e refletir acerca das dificuldades de manter e concretizar a possibilidade de uma educação diferenciada de qualidade, fazendo nos perceber que essa é uma luta diária, mesmo diante de um tempo que tanto já se transformou e já reconheceu as violências e silenciamento já sofridas pela a sociedade originária. Todavia, é reconhecível que essa luta é diária e permanente na sociedade fora da aldeia, pois, faz dos originários seres sobreviventes a um modo que para manter sua educação escolar baseada em costumes próprios, os mesmos ainda tenham que estar nivelados aos fundamentos da educação escolar não originária.

Ou seja, mesmo que os povos originários do sul do Amazonas conquistem o direito de um currículo próprio, sempre será exigido pelo governo uma parcialidade com os sistemas efetivos na educação escolar estadual ou nacional. Contudo, respeitar e exaltar a sociedade originária e os seus conhecimentos existentes e reconhecidos está no bojo do multiculturalismo e da valorização ecológica como garantia da qualidade de vida para as futuras gerações.

Reconhecer as características culturais e possibilitar a existência de uma escola diferenciada, como prevê a Constituição, não é simplesmente fazer uma adequação rudimentar das práticas pedagógicas que acontecem nas escolas urbanas. É, portanto, pensar num novo direcionamento, é encontrar uma nova feição para estas escolas, proporcionando a elas a condição de originário propriamente dita, como garantia à existência do seu modo de ser e de pensar, o seu modo de viver de acordo com os costumes e as tradições de cada povo etnicamente diferenciado, sem, principalmente, desprezar suas crenças e práticas culturais.

A construção de um currículo específico para a educação escolar indígena será uma realidade, na medida em que o Estado brasileiro garanta a todos os povos originários o direito de ser diferente, com todas as prerrogativas inerentes a qualquer cidadão, a começar pela posse da terra como princípio, meio e fim da sua razão existencial, e não apenas enquanto ser humano estereotipado pelos costumes e tradições que lhes são próprios.

Dessa forma, é fundamental importância reconhecer e refletirmos sobre a cosmologia originária como um todo, em especial aqui, do Povo Pupÿkary para a reformulação do currículo das escolas indígenas labrenses, que ainda é inexistente. Esta abordagem não apenas honra e preserva a rica herança cultural e espiritual dos povos originários, mas também representa um ato de resistência contra as forças de homogeneização cultural e assimilação. Assim, ressalta-se que a inclusão das visões de mundo e dos conhecimentos originários no currículo escolar é essencial para promover uma educação escolar que seja verdadeiramente intercultural e diferenciada, respeitando a identidade única e as necessidades específicas das comunidades originárias.

Integrar a cosmovisão Pupÿkary no currículo escolar vai além de uma simples adição de conteúdo, trata-se de reconhecer e valorizar formas de conhecimento que foram marginalizadas ou ignoradas pelo sistema educacional dominado por paradigmas ocidentais. Essa inclusão desafia a lógica materialista e promove uma relação mais harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente, refletindo a interdependência e a conexão profunda entre os seres humanos e a natureza, características fundamentais das cosmologias originárias.

Ao adotar a consciência dessa abordagem, é possível construir um modelo educacional que não só respeita e celebra a diversidade cultural, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de atuar de forma crítica e reflexiva na sociedade. A educação baseada na cosmovisão Pupÿkary enfatiza o respeito mútuo, a sustentabilidade e a interconexão de todas as formas de vida, oferecendo uma alternativa valiosa à educação tradicional e apontando para caminhos de maior equidade e inclusão educacional.

Portanto, este estudo reforça a urgência de revisitar e transformar o currículo escolar nas comunidades originárias, de modo a refletir e respeitar suas cosmologias, saberes e práticas. Este processo não apenas beneficia os povos originários, preservando sua cultura e identidade, mas também enriquece a sociedade como um todo, ao promover

uma compreensão mais ampla e profunda da diversidade humana e da necessidade de viver em harmonia com o mundo natural.

REFERÊNCIAS:

APURINÃ, C. F. M. **Rituais, espiritualidade e medicina tradicional do povo Apurinã: “Saberes Milenares e Tradicionais do Kusanaty”**. Trabalho de Final de Curso (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Indígenas) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CASTRO, E. V. de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Revista Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>

DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MALTA, S. C. L. **Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança**. Espaço do Currículo, v. 6, n. 2, p. 340-354, maio/ago. 2013. ISSN 1983-1579. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MIGNOLO, W. D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 35-54. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.

MONTEIRO, A. da S.; MASCARENHAS, S. A. do N. Educação escolar diferenciada, formação de professores indígenas e currículo. **Eccos - Revista Científica**, n. 54, 2020. <https://doi.org/10.5585/eccos.n54.17338>.

PACINI, A. Um perspectivismo ameríndio e a cosmologia anímica chiquitana. **Espaço Ameríndio**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2012, p. 137-177. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/33180>. Acesso em: 18 mar. 2024.

PAIVA, I. T. P. de. **O protagonismo indígena entre os Sateré-Mawé: lutas e resistências**. 2018. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Orientadora: Artemis de Araújo Soares. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6987/9/Tese_Ign%C3%A2sPaiva_PPGSCA.pdf Acesso em: 18 mar. 2024.



PLASTINO, C. A. **Os horizontes de Prometeu: Considerações para uma crítica da Modernidade.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, Suplemento, p. 121-143, 2005.

SIMAS, H. de C. P.; PEREIRA, R. C. M. **Educação indígena: desencontros entre uma proposta curricular e a prática docente.** In: HORA, Dermeval da (Org.). Anais do VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 2, p. 1775-1784. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/site:abralin2009/simas.pdf>
Acesso em: 18 mar. 2024.